

INDISCIPLINA ESCOLAR: SENTIDOS ATRIBUÍDOS POR ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Teresa Ceron Trevisol
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC – Campus de Joaçaba (SC)
Programa de Mestrado em Educação
[e-mail: mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br](mailto:mariateresa.trevisol@unoesc.edu.br)

RESUMO

A indisciplina representa um dos principais fenômenos que geram dificuldades no contexto escolar. Esse fato vem se agravando de tal forma que nem a escola nem a família conseguem solucionar o problema. Tal fenômeno é caracterizado de diversas formas, porém as idéias acerca desse tema estão longe de serem consensuais. Este artigo visa discutir os sentidos atribuídos por alunos do ensino fundamental ao fenômeno “indisciplina escolar”, as causas que são consideradas por eles como geradoras desse fenômeno e a avaliação das medidas que estão sendo tomadas para resolver ou amenizar o problema. Partimos do pressuposto que, se desejamos intervir na realidade educacional, devemos conhecer, de antemão, a forma como os sujeitos que estão envolvidos nessa realidade compreendem os dilemas que vivenciam e as alternativas de modificação dessa situação. Os sentidos atribuídos pelos alunos ao fenômeno “*indisciplina*” refletem uma pluralidade de terminologias. O fenômeno “indisciplina escolar” não é um problema que poderá ser resolvido de forma isolada, somente abrangendo a esfera escolar. Faz-se necessário uma aproximação maior entre a escola, a família e as esferas públicas, como o conselho tutelar, as promotorias de infância e de adolescência, as universidades (professores e, principalmente, os acadêmicos que estão em formação em diferentes áreas), visando um trabalho integrado, não apenas discutindo as dificuldades existentes no contexto escolar, mas com a inserção desses novos olhares possibilitar uma ressignificação das formas e modelos de intervenção nesse contexto.

Palavras-chave: Indisciplina escolar. Sentidos atribuídos pelos alunos do ensino fundamental. Contexto escolar.

ABSTRACT

SCHOOL INDISCIPLINE: ATTRIBUTED DIRECTIONS BY PUPILS OF BASIC EDUCATION

The indiscipline represents one of the main phenomena that cause difficulties in the school context. This fact is becoming graver of such a form that nor the school nor the family can solve the problem. Such phenomenon is characterized of several forms, but, the ideas about this subject are far to be consensuals. This article aims to argue the directions that are attributed by pupils of basic education to the phenomenon “school indiscipline”, the causes that are considered by them as the causing facts of the phenomenon and the evaluation of the measures that are being taken to solve or minimize the problem. We start from the idea that, if we aim to interfere in the educational reality, we must know, beforehand, the form as the people involved in this reality understand the dilemmas that they deeply live and the alternatives of changing this situation. The directions attributed by the pupils to the phenomenon “indiscipline” reflect a plurality of terminologies. The phenomenon “school

indiscipline” is not a problem that could be solved of an isolated form, just covering the school circle. It becomes necessary a bigger approach among the school, family and public circles, as the official guardian council, the infancy and adolescence prosecutions, the universities (professors and, mainly, the academics who are in formation in different areas), aiming an integrated work, not only arguing the existing difficulties in the school context, but with the insertion of these new looks to make possible give a new meaning of the forms and ways of intervention in this context.

Keywords: School indiscipline. Attributed directions by pupils of basic education. School context.

I – INTRODUÇÃO

Há um ditado chinês que diz que, ‘se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando um pão, e, ao se encontrarem, eles trocam os pães, cada homem vai embora com um; porém, se dois homens vêm andando por uma estrada, cada um carregando uma idéia e, ao se encontrarem, eles trocam as idéias, cada homem vai embora com duas’. Quem sabe é esse mesmo o sentido do nosso fazer: repartir idéias, para todos terem pão... (CORTELLA, 1998, p. 159).

A questão da indisciplina no contexto escolar é um dos temas que mobiliza gestores, professores, técnicos, pais e alunos de diferentes escolas brasileiras. Entretanto, apesar deste tema constituir-se objeto de preocupação, no meio educacional é, de um modo geral, superficialmente debatido. Além da falta de clareza e consenso a respeito do significado do termo indisciplina ou, até mesmo de disciplina, a maior parte da revisão bibliográfica e das análises sobre esse tema expressam as marcas de um discurso impregnado por preconceitos e mitos do senso comum. Estes aspectos se agravam se considerarmos que os trabalhos de investigação realizados ainda são relativamente escassos.

Com o objetivo de iniciarmos a cartografia desse fenômeno buscaremos, a partir de uma breve revisão bibliográfica, a contextualização da problemática que envolve o problema da indisciplina escolar, alguns significados que são atribuídos, especialmente, no meio educacional a esse problema. Segundo o dicionário (FERREIRA, 1986, p.595), o termo indisciplina pode ser definido como “*procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião*”. Assim, indisciplinado é aquele que “*se insurge contra a disciplina*”. As definições em foco efetuam uma relação entre disciplina e obediência das normas, das regras sociais. Assim, “*disciplinado*” é aquele que obedece, que cede, sem questionar às regras e preceitos vigentes em determinado contexto.

A indisciplina manifesta por um indivíduo ou um grupo, é compreendida, normalmente, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “*falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora*”. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao ajustamento, ordenamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo. Segundo Wallon (1975, p. 379) o que se busca é “*obter a tranqüilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nada nelas nem fora delas que as possa distrair dos exercícios passados pelo professor, nem fazer sombra à sua palavra*”. Neste contexto, o conceito de disciplina está associado à tirania, a opressão e enquadramento. Sendo assim, “*apresentar condutas indisciplinadas pode ser entendido como uma virtude: desafiar os padrões vigentes, se opor à tirania muitas vezes presente no cotidiano escolar*” (REGO, 1996, p. 85). A indisciplina pode representar de um lado, a discordância a práticas de excessivo autoritarismo, tirania e, de outro, estímulo a uma espécie de tirania às avessas, na qual o projeto pedagógico fica submetido à vontade do aluno ou do adolescente.

A vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social. A escola, por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de assumir a característica de instrumentos de castração e, passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. Neste modelo, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites (REGO, 1996).

Em consonância com este argumento, La Taille (1996, p.9) analisa que

(...) crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os ‘limites’ implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

Dos fatores que são elencados (LA TAILLE, 1996; AQUINO, 1996; REGO, 1996; ARAÚJO, 1996) como possíveis causadores de manifestações de indisciplina no contexto escolar estão: a *perda de autoridade do professor*, tanto no que se refere ao conhecimento, quanto à postura em sala de aula. Ao longo dos últimos anos, verificamos que muitos professores foram destituídos de seu lugar de “autoridades de saber”. Estão desqualificados, desatualizados, desmotivados. Utilizam *procedimentos metodológicos* que pouco desafiam os alunos a pensar, a construir conhecimentos. Em conseqüência, aulas

pouco atrativas, que não estimulam a participação dos alunos. Sabe-se que o processo de aprender demanda a colocação do *aluno no papel de ativo*, mesmo quando ouve, vê, dirige atenção a alguém que fala ou nas atividades que está fazendo. A prática pedagógica do professor deve promover desequilíbrios cognitivos no aluno, fazendo com que as iniciativas que são tomadas por este buscando a retomada do equilíbrio se revertam em estímulo para aprender, para participar do processo. Assim, temos um aluno que está envolvido nas atividades propostas e não se coloca fora delas, dando margem a manifestações de indisciplina.

Os fatores que foram citados, estão diretamente ligados ao contexto escolar, entretanto, sabemos que não estão somente nesta esfera os elementos que promovem a indisciplina. Há toda uma rede social que circunda a escola: a família, as relações com outros grupos sociais, o acesso a conteúdos, imagens, que são produzidos pelos meios de comunicação social, e que atuam diretamente na construção de modelos, de comportamentos a serem imitados, reproduzidos.

Além destes aspectos, é importante, novamente, enfatizar que o modo como interpretamos a indisciplina (ou a disciplina) acarreta uma série de implicações à prática pedagógica, pois interfere não somente nos tipos de interações estabelecidas com os alunos e na definição de critérios para avaliar seus desempenhos na escola, como também no estabelecimento dos objetivos que se quer alcançar.

Outro aspecto capaz de influenciar significativamente o processo educativo, desenvolvido na instituição escolar, diz respeito à visão dos diferentes elementos da comunidade escolar (professores, técnicos, gestores, pais e alunos) sobre as causas da indisciplina. Entendemos que é necessário identificar, principalmente, os pressupostos subjacentes às explicações geralmente manifestas pelos educadores, que acabam por revelar, ainda que de maneira implícita, determinadas visões sobre o processo de desenvolvimento e aprendizagem do indivíduo e, como decorrência, o papel desenvolvido pela escola (REGO, 1996).

Neste sentido, considerando que as questões relacionadas à indisciplina constituem foco de problema na realidade educacional regional, que possuímos uma carência desses dados, uma "leitura organizada" que permita cartografar esta rede de elementos que estão envolvidos nesse contexto, buscamos através desse artigo refletir sobre os sentidos atribuídos por alunos ao "fenômeno da indisciplina escolar". Partimos do pressuposto de que se

desejamos intervir na realidade educacional devemos conhecer, de antemão, a forma como os sujeitos que estão envolvidos nessa realidade compreendem os dilemas que vivenciam e as alternativas de modificação dessa situação que seus discursos possibilitam.

II - CARTOGRAFANDO O FENÔMENO INDISCIPLINA

A indisciplina representa um dos principais fenômenos que geram dificuldades no contexto escolar. Este fato vem se agravando de tal forma que nem a escola e nem a família conseguem solucionar o problema. O fenômeno a que estamos nos referindo não representa uma problemática recente, pelo contrário, é caracterizado de diversas formas, de acordo com a análise de cada autor, porém, as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais. Isso se deve, particularmente, à complexidade do assunto, à marcante ausência de resultados de pesquisas, e também à multiplicidade de interpretações que o tema encerra.

Nesse sentido, a partir de um levantamento efetuado em diferentes fontes (livros, periódicos, teses e dissertações) buscando conhecer o "estado da arte" desse problema, identificamos que o contexto da indisciplina está ligado, comumente a:

- 2.1. Indisciplina do aluno;
- 2.2. Indisciplina do professor;
- 2.3. Indisciplina da escola;
- 2.4. Indisciplina da família;
- 2.5. Indisciplina ligada ao descumprimento das regras.

Passaremos, a seguir, a discutir alguns desses sentidos, atribuídos pelos autores ao fenômeno da indisciplina escolar:

2.1. Indisciplina do aluno: os atos caracterizados como indisciplinados na escola estariam relacionados à atitude do aluno, como por exemplo: falar ao mesmo tempo em que o professor atrapalhando as aulas; responder com grosserias; brigar com outros alunos ou mesmo entre professor e aluno; bagunçar; ser desobediente; não fazer as tarefas escolares (OLIVEIRA, 1996).

A sociedade mudou, a família também, o aluno de hoje é diferente, mas a escola continua com seus métodos de ensino como a décadas atrás. Assim, o comportamento indisciplinado do aluno sinalizaria que algo na escola e na sala de aula não está ocorrendo de acordo com as expectativas principalmente dos alunos, e mais, estes estariam reivindicando mudanças necessárias para que se realize o objetivo da escola: uma educação de qualidade, que desperte o interesse do aluno pelo aprendizado e pelo ambiente escolar. Segundo Aquino

(1996) "*estamos em outro tempo e precisamos estabelecer outras relações*". O aluno precisa ser considerado no meio ou momento histórico em que está inserido.

O aluno que não está integrado ao processo ensino-aprendizagem passa a apresentar comportamentos que causam preocupação à escola, são manifestações que surgem na forma de agitação ou, contrária a ela, comportamentos de apatia e descomprometido. Manifestações pacíficas, quase estáticas, do silêncio e alienação às regras impostas (VASCONCELLOS, 2000). Se a disciplina constitui normas impostas para que haja uma melhoria no ambiente escolar, a anulação ou esquivas do indivíduo da convivência e da manifestação de seu modo de pensar e se expressar nesse ambiente é também uma forma de reagir às normas ou regras, portanto é uma forma de indisciplina.

Volker (apud PERIN e CORDEIRO, 2004) define a indisciplina ou a não-disciplina, presente nas escolas hoje, como um posicionamento contrário ao processo educativo, onde o aluno não tem nenhuma vontade de estar na escola, não tem respeito pela escola e nem postura para frequentá-la.

2.2. Indisciplina do professor:

O professor que vem para ministrar sua aula desmotivado, muitas vezes, nem planeja as atividades que serão desenvolvidas, abre o livro texto e pede para os alunos estudarem cada um em sua carteira, contagia sua turma e acaba desmotivando a sala de aula. Sem deixar de considerar o elemento "expectativas" em relação a seu trabalho e a seu aluno, que norteiam todo o entusiasmo ou abnegação da atividade pedagógica. O rendimento dessa sala se vê comprometido por essas atitudes do professor.

A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p.8).

Nesse tipo de atitude do professor, descomprometida diante de seus alunos evidenciamos um outro sentido para a indisciplina, identificada como uma "*atitude indisciplinada na postura do professor*".

Para Vasconcellos (2001) o ato pedagógico é o momento de emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da oposição, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos. Entretanto, grande parte dos professores não compreendem dessa forma sua intervenção pedagógica. Estão apegados a modelos pedagógicos e epistemológicos

incoerentes, que pouco oportunizam a construção do conhecimento e de sujeitos mais autônomos.

2.3. Indisciplina da escola

Sem desconsiderar a existência de fatores externos que influenciam nas relações e comportamentos no ambiente escolar, evidencia-se que é no próprio espaço da escola onde se constituem muitas manifestações de indisciplina, particularmente ligadas ao sistema de organização escolar. Partimos das regras escolares que, muitas vezes, são impostas para os alunos, mas não estão claras. Manifestações de indisciplina podem ser decorrentes do descontentamento por essas regras e pela não compreensão das mesmas. A escola é a responsável pelo estabelecimento e pela clareza das normas. O não entendimento das mesmas pode reverter em tomadas de decisão indevidas com relação ao grupo de alunos.

À medida que a escola vigia e pune o aluno confirma que sua atitude é irregular e alheia ao esperado por ela, assim, ele assume a posição de excluído e não adequado ao ambiente escolar (FOUCAULT apud SILVA, 1998).

À medida que cobra do aluno o respeito, o cumprimento das normas, o bom desempenho, a escola precisa oferecer subsídios para tais práticas. Como um aluno irá desenvolver conceitos de justiça e praticá-los se é freqüentemente injustiçado e punido, se não é ouvido ou mesmo questionado sobre o que se passa com ele? E o que é pior, na maioria das vezes, a culpa ou a origem dos fracassos e da indisciplina recaem sobre o próprio aluno. O sistema escolar isenta-se de suas responsabilidades e desconsidera suas práticas excludentes.

Nesse sentido, segundo Frazatto (apud FERREIRA 2001, p.175) é importante que os alunos participem do processo de construção das regras, não as recebam prontas, pois *"ao participar da construção de regras, a criança aprende a ser parte de um grupo, ao mesmo tempo em que desenvolve sua autonomia"*.

É importante que a escola adote a discussão dos "temas-problema" com os diferentes grupos que a compõem. A ausência de um plano comum de ação na escola é um sintoma da inexistência de discussão sobre esse assunto. Outro sintoma, é quando se invertem as prioridades, dando mais importância para a intervenção do que para a prevenção, que se daria através do investimento em ações preventivas voltadas à transformação de propensões e desenvolvimento de recursos internos.

2.4. Indisciplina da família

A relação familiar: pais e filhos, mães e filhos é repleta de afetividade o que dificulta a visualização dos problemas e dificuldades de forma ampla, ou seja, para um pai é difícil entender que seu filho possa ter atitudes de desrespeito diante do professor, por exemplo. Assim, a agressividade, a birra, podem surgir dentro do ambiente familiar e são fatores que podem intensificar o aparecimento da indisciplina do aluno na escola. A interpretação psicanalítica utilizada na educação sugerindo que as dificuldades de aprendizagem estariam ligadas a problemas emocionais ou traumas vividos na infância, estaria tornando a educação dada aos filhos permissiva, pelo medo do uso do autoritarismo e com dificuldades para o estabelecimento de limites, normas ou mesmo valores individuais e coletivos (PERIN e CORDEIRO, 2002).

Ao se analisar mais detalhadamente esse aspecto entramos em contato com uma multiplicidade de fatores que estão relacionadas às mudanças da sociedade de forma geral

A sociedade do séc. XXI vive um período de crise ética, que no Brasil está constantemente retratada principalmente no campo da política quando vêm à tona casos de corrupção, desvios de dinheiro público, má distribuição de renda e indiferença dos governantes à classe trabalhista, acentuando o desemprego e o subemprego. A crise econômica, o consumismo, a competição exacerbada no mercado de trabalho e os valores invertidos são os principais fatores de desagregação familiar (PERIN e CORDEIRO, 2002, p.13-14).

Nesse sentido, quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, podem ser considerados como indisciplinados. Os pais são os principais educadores. Às vezes, ficam meio confusos frente à atitude dos filhos, e não sabem como agir, saber o que é correto ou não em determinados momentos, não querendo assumir uma posição autoritária acabam por permitir tudo com medo que o filho venha a sofrer algum trauma. Dessa forma, acabam tendo atitudes que não somente geram indisciplina, mas que são indisciplinadas por não fornecer subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar, social, entre outros.

Se observarmos crianças em que os pais não impõem nenhum tipo de limite identificaremos crianças que são, geralmente, rejeitadas pelos colegas, pois não conseguem respeitar ninguém. Para que a criança saiba aceitar e respeitar os limites impostos pelos professores, colegas ou amigos com que convive, é preciso que ela tenha aprendido, exercitado, desde o início de sua vida este tipo de comportamento em sua família. A permissividade exagerada enquanto a criança é pequena, dificulta mais tarde, a retirada dessas

concessões. A coerência na educação de uma criança precisa ser pensada, planejada por toda família, inclusive junto com a escola, quando for o caso.

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Evidencia-se uma confusão de papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral (AQUINO, 1998).

2.5. Indisciplina ligada ao descumprimento das regras:

"Toda moral é um sistema de regras e a essência de toda moralidade consiste no respeito que o indivíduo sente por tais regras" (PIAGET, 1977, p. 07).

Passaremos a discutir, mesmo que sinteticamente, o processo de construção das regras na criança, a partir da perspectiva piagetiana. Esta discussão nos possibilitará complementar alguns aspectos citados anteriormente, bem como, entender, de forma mais oportuna, o processo de socialização que o sujeito se vê envolvido desde o nascimento, a incorporação das regras sociais e o papel dos outros sociais (principalmente adultos: pais, professores...) neste processo.

2.5.1. O conhecimento social e moral: a articulação proposta por Piaget

É através do processo de socialização que a criança começa a integrar-se ao mundo social, incorporá-lo em sua mente. Um dos objetivos mais importantes do processo de socialização consiste em que as crianças diferenciem o que é considerado correto e o que se julga incorreto em seu meio, ou seja, que elas construam conhecimentos sobre os valores morais que regem sua sociedade e se comportem de acordo com eles. Isto é conseguido através de um processo de construção e interiorização destes valores, processo que tende a favorecer o desenvolvimento dos mecanismos de controle reguladores da conduta da criança. Entretanto, nesse processo de socialização, de construção de normas e regras sociais, o sujeito não assume um papel passivo. Piaget (1977) enfatiza que *"a ação social só será eficaz se o sistema puder assimilá-la e reconstruí-la internamente."*

Nesse sentido, Piaget interessou-se em investigar como as crianças raciocinam sobre questões morais. O que levam em consideração para julgar entre o bem e o mal? Como o sujeito incorpora todo esse estatuto moral que lhe permitirá viver e interagir na esfera social?

E, principalmente, como reconstrói o conhecimento transmitido pelo social, transformando-o em alicerce para suas ações, julgamentos?

O livro desse autor "O julgamento moral na criança" (1977), constitui-se uma referência nesse tema. Esse livro teve um destino peculiar (LA TAILLE, 1992). Permaneceria isolado dentro da obra deste autor, pois este nunca mais voltaria ao tema, a não ser em artigos compilados e publicados com o título "Estudos Sociológicos" (1973).

A posição defendida por Piaget é que o desenvolvimento moral não é um processo de internalização de normas sociais, mas a aquisição de princípios autônomos de justiça, resultantes da cooperação social, do respeito aos direitos dos outros e da solidariedade entre as crianças. Essa posição se contrapõem a tese de Durkheim, pois este considerava que qualquer moral é imposta pelo grupo ao indivíduo e pelo adulto à criança. De acordo com a hipótese piagetiana a moral depende do tipo de relação social que o indivíduo mantém com os demais e que existem tantos tipos de moral como de relações sociais.

Para Piaget (1977, p.345) "a lógica é a moral do pensamento como a moral é a lógica da ação." Ambos são aspectos paralelos e indissociáveis de um mesmo processo geral de adaptação; têm suas raízes na ação e conduzem a formas de equilíbrio baseadas na reciprocidade; apresentam um primeiro momento egocêntrico, sustentado por relações de pressão e respeito unilateral; alcançam o equilíbrio através de relações sociais igualitárias, única fonte de autêntica discussão e crítica. A descrição que o autor efetua de cada uma dessas fases do desenvolvimento moral está baseado tanto em aspectos sócio-afetivos quanto em aspectos cognitivos. A moral cumpre com relação a afetividade e as relações sociais o mesmo papel que a lógica cumpre no pensamento: controlá-las e estruturá-las em organizações de equilíbrio superior.

Segundo o autor (1977, p.342), "*a sociedade é o conjunto das relações sociais*". A criança aprende a respeitar as regras ou normas morais vivendo em sociedade. Considerando a hipótese de que existem tantos tipos de moral como de relações sociais, PIAGET a distingue em duas formas: **a moral heterônoma**, baseada na obediência; e **a moral autônoma** baseada na igualdade, admitindo que as relações com os companheiros são uma condição necessária para a autonomia. A relação com o adulto é fonte de respeito unilateral e heteronomia. Neste tipo de relação a criança ocupa sempre o mesmo papel, o de quem deve obedecer, papel que dificilmente pode trocar com o adulto.

Outra contribuição interessante que Piaget explicita em sua obra, e que tem relação com essa passagem de uma moral heterônoma para uma moral autônoma, refere-se ao respeito que inicialmente dirige-se aos adultos com que a criança se relaciona (pais, educadores...) e, paulatinamente, é transmitido para aquelas normas que os modelos adultos lhe inculcam pelo exemplo vivido. Segundo o autor "o respeito é um sentimento em que temor e amor se conjugam" (1977, p. 424).

Por isso, para saber em que consiste o respeito à regra do ponto de vista da própria criança, Piaget evitou fazer investigações em instituições sociais como a família, preferindo o jogo como recurso, pois se as regras que as crianças pequenas acatam são as elaboradas pelos adultos, torna-se difícil separar o respeito que a criança sente por essas regras, do respeito que sente pelo adulto que as propõe. Em outras palavras, é difícil saber se a criança obedece à regra porque a considera justa ou porque foi emitida por pessoas na qual possui um vínculo afetivo.

Visto que as crianças relacionam um sentimento de dever com as ordens que recebem de pessoas respeitáveis, sem fazer maiores indagações sobre o sentido dessas ordens, Piaget (1977, p.428, 433) referiu-se, com relação a esse estágio, de uma "moral do dever". Para as crianças antes dos 6 até os 8 anos de idade, é a coação parental. A coação consiste, em primeiro lugar, em que a criança deve habituar-se à observação de certas regras e respeitar certas realidades, antes que aprenda a entender as razões disso.

Do respeito da primeira infância, "unilateral", Piaget distinguiu o "respeito recíproco". Consiste na capacidade de se colocar racionalmente no ponto de vista de outras pessoas. No jogo de bola de gude, crianças dessa idade observam seus competidores e ficam atentas para as regras utilizadas.

Piaget (1977, p. 435) define as normas morais "como regras racionais de acordo mútuo". Uma norma é boa quando satisfaz as "leis da reciprocidade" e para reconhecer se uma norma é boa, a criança "terá de colocar-se numa perspectiva que se harmonize com outras perspectivas."

A seqüência da heteronomia, de uma espécie de "moral do dever" para uma "moral do bem", que é uma moral da cooperação, do respeito mútuo, da consideração de direitos e deveres, confere ao desenvolvimento do juízo moral sua direção. Para Piaget, desenvolvimento significa o mesmo que progresso para o bem.

2.6. Causas da Indisciplina:

Em continuidade a este momento de contextualização do objeto de estudo a ser investigado, apresentaremos, mesmo que sinteticamente, algumas causas do “fenômeno” indisciplina escolar.

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, reflete uma combinação complexa de causas. A complexidade é parte do perfil da indisciplina, embora seu conceito seja, ainda, um trabalho não totalmente compreendido.

As diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos gerais: *as causas externas à escola e as causas internas*. Entre as primeiras, encontramos a influência exercida pelos meios de comunicação, a violência social e ambiente escolar. As causas encontradas no interior da escola incluem, necessariamente, o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, o relacionamento humano, o perfil dos alunos e a capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. E ainda, temos a própria relação entre educadores - alunos e a intervenção disciplinar que os primeiros praticam, pois dependendo da situação, podem reforçar ou gerar modos de indisciplina nesses últimos.

Segundo Vygotsky (1987) “*a educação tem papel crucial sobre o comportamento e o desenvolvimento de funções psicológicas*”. Em outras palavras, o comportamento ou disciplina é aprendido. Baseando-se nestas premissas, podemos inferir, portanto, que o problema da indisciplina não deve ser encarado como alheio à família nem tão pouco à escola já que, na nossa sociedade, elas são as principais agências educativas.

III - MÉTODO

A base empírica desse estudo é uma pesquisa que foi realizada em 2004, caracterizada como um estudo exploratório, de natureza qualitativa. A amostra foi composta por trinta e dois alunos de quatro escolas particulares e públicas dos municípios de Joaçaba e Herval d’ Oeste (SC) que frequentavam de 5ª a 8ª série. Como procedimento para a coleta dos dados com os alunos, utilizamos a exposição de “cenas do contexto escolar” e a discussão destas através da técnica dos grupos de discussão e/ou grupo focal. Como procedimento de análise dos dados a técnica utilizada foi a análise de conteúdo.

IV - SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À INDISCIPLINA ESCOLAR

Passaremos, a seguir, a apresentar alguns dados representativos da compreensão dos alunos pesquisados sobre a indisciplina escolar. Na questão 01: “*O que você entende por indisciplina escolar?*”, identificamos nas respostas dos alunos que eles efetuam relações com “comportamentos” como definição para a indisciplina. Entretanto, a mesma é compreendida, principalmente, como **desrespeito** aos outros (professores e colegas) e às regras. O fato dos alunos apontarem diferentes atitudes dos alunos como definição para a indisciplina, confirma: 1º - a ausência de clareza e consenso a respeito do termo; e 2º - que o aluno, na maioria das vezes, é responsabilizado pelos atos indisciplinados.

No quadro I, a seguir, estão sistematizados os principais argumentos citados pelos alunos que compuseram a amostra desta investigação:

Quadro I: Sentidos atribuídos pelos alunos para a Indisciplina Escolar

ALUNOS	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D
	<ul style="list-style-type: none"> - Quando as professoras não ensinam bem para as crianças; (também descontam seus problemas nos alunos) - Parte também do aluno e dos pais; - Falta de educação; - Não estudar; - não respeitar; 	<ul style="list-style-type: none"> - Brigas; - Desrespeito ao regulamento da escola; - Sair da disciplina; - Desrespeito aos outros; 	<ul style="list-style-type: none"> - Infringir regras; - Questionamento quanto às regras impostas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Bagunça; - Atrapalhar as aulas; - Desatenção; - Desrespeito;

É possível apreender nos argumentos explicitados pelos alunos a relação entre indisciplina e o desrespeito, aos professores e colegas; entre o descumprimento das regras pré-estabelecidas na escola; e entre alguns comportamentos dos alunos, como por exemplo: não estudar, brigar, bagunçar o espaço da sala de aula.

Dentre os autores que pesquisam o tema, encontramos Chagas (2001) apontando que a indisciplina no meio educacional é vista como a manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzido na falta de educação ou desrespeito pelas regras pré-estabelecidas, na bagunça, agitação ou desinteresse.

4.1. Definindo disciplina escolar:

Os alunos pesquisados apontam a disciplina não como condição para o aprendizado, mas como o próprio aprendizado, referindo-se também à disposição em estar atento à aula e aprender. Além de relacionada ao processo de aprendizagem, para eles a disciplina também é associada ao comportamento do aluno: comportar-se bem, ter respeito e postura. Ou seja, concebem a disciplina como algo que se dá de forma autônoma.

Evidenciamos que os termos disciplina e indisciplina são considerados contrários pelos entrevistados, pois quando definem indisciplina citam *comportamentos que prejudicam o aprendizado*, como bagunçar e atrapalhar a aula, já ao falar da disciplina afirmam que ela esteja relacionada ao *bom comportamento* do aluno, como respeito, por exemplo. A definição de Ferreira (1986, p.596) está de acordo com essa afirmação, segundo o autor indisciplina é definida como: “*procedimento ou ato dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião*”. Assim, indisciplinado é aquele que se insurge contra a disciplina.

Nas respostas dos alunos pesquisados, identificamos as manifestações de indisciplina relacionados a alguns fatores, como por exemplo: **1º – Indisciplina do aluno:** falta de vontade de estudar ; **2º - Indisciplina da família:** falha na educação recebida; **3º - Indisciplina do professor:** falta de autoridade do professor.

4.2. Indisciplina x Dificuldades de Aprendizagem:

Nas respostas dos alunos à questão n. três: “*Você acredita que a indisciplina e as dificuldades de aprendizagem são termos considerados causa e efeito, ou seja, se o aluno é indisciplinado, conseqüentemente, ele apresenta dificuldades de aprendizagem?*”, evidenciamos, em primeiro lugar, a compreensão de que há uma *relação de causa e efeito* entre indisciplina e dificuldades de aprendizagem; ou seja, o aluno indisciplinado terá maiores dificuldades em aprender e concentrar-se em suas atividades: e, em segundo lugar, e em menor número, a consideração da indisciplina como um *comportamento independente da aprendizagem*.

No Quadro II, estão explicitados os principais argumentos citados pelos alunos:

Quadro II: Indisciplina x Dificuldades de Aprendizagem

ALUNOS:	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D
	- Não aprende; - Nem sempre aprende; - Perde a explicação; - Não presta a atenção.	- Depende da vontade do aluno; o bagunceiro não entende porque não quer; - Não há relação entre indisciplina e aprendizado (idéia ligada)	- Ele vai ter mais dificuldades; - O aluno que não tem disciplina pode ir bem ou não, geralmente ele vai	- Não é um bom aluno.

		à capacidade do aluno); - Relativo, mas muitas vezes tem a ver;	mal; - Tem aluno que não consegue se concentrar em sala, mas em casa sim; - Ele vai bem quando é pressionado; - Quando está indo mal, pressionar não é a melhor solução	
--	--	--	--	--

4.3. Medidas adotadas pela escola para resolver os problemas de indisciplina:

No que se refere às medidas adotadas pela escola para resolver os problemas de indisciplina neste contexto, identificamos nas respostas dos alunos os seguintes encaminhamentos descritos no Quadro III, a seguir:

Quadro III: Medidas adotadas pela escola para resolver problemas de indisciplina

ALUNOS	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D
	- Auxílio da diretora	- Com auxílio da diretora; - Assinatura de termo; - Chamam os pais; - Xingões e tarefas extra-classe;	- Chamar a orientadora ou diretora; - Suspensão; - Telefonar para os pais; - Ter a agenda assinada; - Conversas com os alunos que não cumprem as regras; - Tirar o aluno da sala; - Às vezes não se toma nenhuma atitude, pois os pais do aluno são agressivos com o mesmo.	- Auxílio da diretora.

É possível observar nas colocações dos alunos que as medidas que são tomadas pela escola ainda estão restritas a recursos coercitivos e a punição das manifestações dos alunos, ao que parece, poucas são as tentativas de se verificar o que realmente é a causa destas manifestações e qual sua real ligação com o contexto escolar ou com os procedimentos pedagógicos adotadas neste contexto.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“(...) lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança no mundo”
(Freire Apud Snyders, 1995: 10).

“A escola deveria ser um local de alegria para os alunos e também para os professores”
(Snyders, 1996: 33).

O trabalho de investigação que realizamos veio comprovar de que a indisciplina representa no cotidiano escolar um dos principais fenômenos geradores de inúmeras dificuldades, sejam elas, relacionadas às relações professor e aluno, entre alunos, entre direção e alunos. Este fato vem se agravando de tal forma que nem a escola e nem a família conseguem driblar o problema. Tal fenômeno é caracterizado de diversas formas, de acordo com a análise obtida a partir dos dados coletados com os alunos entrevistados. Porém, as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais. O referencial teórico que consistiu o embasamento para nos posicionarmos diante das questões de indisciplina também nos permitiu compreender a complexidade do assunto, além da ausência de pesquisas que contribuam para a melhor compreensão desse fenômeno, dos elementos que perpassam essa questão e de possíveis alternativas de intervenção no contexto escolar visando, ao menos, amenizar alguns focos do problema.

Outro aspecto observado nas escolas investigadas se refere à necessidade de um maior trabalho integrado e constante entre escola e a família, não apenas no momento em que há algum problema com o aluno, pois dessa forma, a relação apenas se desgasta e não é possível encontrar soluções para as dificuldades, mas que a escola possa contar com a família como efetiva parceira em todos os momentos.

Evidenciamos que as medidas adotadas pelas escolas pesquisadas visando diminuir os contratempos ocasionados pela indisciplina, não têm gerado os resultados esperados. A escola busca de todas as formas a mudança de comportamento do aluno, para eliminar a indisciplina, porém, sabemos que fatores internos do sistema de ensino e da organização escolar, também precisam ser revistos para que as mudanças se dêem de forma eficaz.

É preciso continuar investindo na melhoria da qualidade do ensino em nossas escolas, para isso é fundamental o maior interesse das políticas públicas na educação, incentivando a formação e aperfeiçoamento do quadro docente, realizando melhorias do espaço físico das escolas, além de contar com a participação efetiva da família e da comunidade.

O trabalho de pesquisa que realizamos pretende servir de base para a organização de atividades de orientação e intervenção na realidade das escolas pesquisadas. Após o término da pesquisa nos sentimos, cada vez mais, comprometidos com essa realidade. Se buscamos coerência nas ações tomadas de antemão temos que analisar e conhecer a rede de elementos que constitui o problema a ser resolvido. Nesse sentido, compreender os sentidos e significados que são atribuídos pelos personagens que constituem a escola, ou seja, diretores,

orientadores, professores e alunos é indispensável. A partir do olhar que eles dirigem sobre essa questão conseguiremos tomar consciência de onde deve iniciar o processo de intervenção.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G.(Organizador), Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1996. 148 p.

AQUINO, J. G., A Indisciplina e a Escola Atual. Rev Fac. Educ. v.24 n.2 São Paulo July/Dec.1998. 14 p. www.scielo.br, acesso em Abril/ 2004.

AQUINO, J G., A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cad. CEDES v.19 n.47 Campinas dez.1998. 8 p. www.scielo.br, acesso em Abril/ 2004.

AQUINO, J. G., A Questão Ética na Educação Escolar. SENAC NACIONAL - Boletim Técnico do SENAC. 15 p. www.senac.br, acesso em Abril/ 2004.

ARAÚJO, Ulisses F. de. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

CERON, M.T. ; KOLHER, C.M.F. A Transferência na sala de aula. Revista Roteiro. Joaçaba: Ed. Unoesc, v. XVIII, nº 33, Jan./Jun.95. p.75-87.

CHAGAS, K.M., Indisciplina na Escola: de quem é a culpa?, Monografia do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Qualidade na Educação, Guarapuava –PR, 2001, 48p., http://virtual.facinter.br/monos/indisciplina_na_escola.pdf, acesso em Maio/2004.

DEMO, P.; LA TAILLE, Y.; HOFFMANN, J., Grandes pensadores em educação: O desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação, Porto Alegre: Editora Mediação, 2ª Ed., 2002, 120 p.

DÍAZ-AGUADO, M. J. El desarrollo moral. In: MADRUGA, J. A. G.; LEÓN, P.P. Psicología Evolutiva - II. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1997.

FERREIRA, Aurélio B. H. Dicionário Aurélio. R.J.: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti (org).Os Fazeres na Educação Infantil. São Paulo: Cortez, 3ª ed., 2001.

FREIRE, P., Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 6ª Ed.. São Paulo: Paz e Terra.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

- LA TAILLE, Yves de et al. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- LA TAILLE, Yves. Formação ética: direitos, deveres e virtudes. Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed, ano 4, n.13. mai./ jul., 2000.
- OLIVEIRA, J. Estatuto da criança e do adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 7. ed., atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1996. 210 p.
- PATTO, M. H. S., A produção do Fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2000. 454 p.
- PERIN, E.S.; CORDEIRO, M.V.C.C, Indisciplina na Escola do Século XXI, Monografia apresentada para obtenção do título de especialista em psicopedagogia, Ponta Grossa – PR, 2002, 67 p., http://virtual.facinter.br/monos/indisciplina_escola_seculo_xxi.pdf, Acesso em Maio/2004.
- PIAGET, J. O julgamento moral na criança. São Paulo: Mestre Jou, 1932/1977.
- _____. Estudos Sociológicos. Rio de Janeiro: Forense, 1965/1973.
- REGO, Teresa C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.
- SILVA, L.C. Faria, Possíveis incompletudes e equívocos dos discursos sobre a questão da disciplina. Educ. Soc. v.19 n.62 Campinas Abr.1998. 18p. www.scielo.br, acesso em Maio/2004.
- SNYDERS, G., Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- VASCONCELLOS, Maria Lúcia M. Carvalho (Org.). (In)disciplina, Escola e Contemporaneidade. São Paulo, Mackenzie, 2001.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. São Paulo: Liberdade, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- WALLON, H. Psicologia e educação na Infância. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.